

FIM DA EXPLORAÇÃO DECRETADO HÁ 30 ANOS

Na década de 80, prefeito de Guarapari fez campanha para tornar a cidade referência no tratamento de doenças reumáticas

/// **AGLISSON LOPES**
aslopes@redgazeta.com.br

/// **NATÁLIA BOURGUIGNON**
nbourguignon@redgazeta.com.br

A exploração das areias monazíticas em Guarapari, história que começou a ser contada na edição de ontem de A GAZETA, só teve fim na década de 80, após anos de negociações secretas entre empresas e governos, acordos internacionais, corrupção e denúncia de trabalho escravo.

O material retirado das praias capixabas chegou inclusive a ser usado na fabricação de bombas

e a reviravolta na história deu-se principalmente pelo lado medicinal descoberto nas areias.

A partir da morte do russo Boris Davidovitch, que ficou conhecido como o barão da monazita, a exploração de terras raras passou a ter um controle maior do Estado e a sede da Mibra, empresa dele, em Guarapari, se transformou na empresa Nuclemon, subsidiária da estatal Nuclebrás, criada para concentrar a exploração desse tipo de material para interesses industriais.

A Nuclemon continuou ex-

traindo areia monazítica e beneficiando seus derivados por mais de 20 anos, até a década de 80, quando uma campanha capitaneada pelo então prefeito de Guarapari, Graciano Espíndula, propunha o fim definitivo da exploração da areia na cidade e mais investimentos em turismo e infraestrutura, tornando o balneário atrativo para tratamento de pessoas com diversas doenças, sobretudo reumáticas.

“Se Cleveland (EUA) é a referência mundial em cardiologia, Guarapari será referência em

reumatologia”, declarou o prefeito em maio de 1983, em entrevista ao jornal A GAZETA.

Na época, os benefícios das areias radioativas de Guarapari para tratamento de doenças já eram bastante difundidos, e a cidade recebia turistas de diversas partes do Brasil e do mundo.

Uma série de reportagens publicadas por A GAZETA mostrava histórias de gente que buscou Guarapari para se tratar e acabou adotando o local como residência. Também não faltavam relatos de pessoas creditando a cura de diversas doenças ao tratamento feito com a areia das praias.

Areia tratava câncer

/// Nos arquivos públicos franceses, mais de 210 documentos entre cartas, pedidos de material e recibos ligam a Société Minière Industrielle Franco-Brésilienne, precursora da Mibra, em Guarapari, a diversos laboratórios franceses e alemães.

A maioria dos contatos é de compra, venda e aluguel de tubos de tório entre a empresa e o Institut du Radium, laboratório presidido pela ganhadora do prêmio Nobel de Química, Marie Curie. Ela e o marido, Pierre, foram responsáveis pela descoberta da radioatividade e por ter dedicado a vida às pesquisas sobre o uso terapêutico dos materiais radioativos.

Segundo o estudo “Marie Curie and the Radium industry”, do

pesquisador Xavier Roqué, a partir de 1903 o uso na medicina de materiais radioativos foi popularizado na França, o que fez aparecer um mercado de extração de materiais radioativos pelo mundo.

O material era usado em centros de tratamento de câncer tanto em Paris quanto em outras cidades. Na capital francesa, a Société Minière et Industrielle Franco-Brésilienne mantinha um escritório no número 20 do boulevard Montmartre, e uma usina de tratamento de tório e outros materiais radioativos na cidade de Clichy. Por questões de segurança, nos anos 80, a usina foi demolida e encerrada pelo governo francês.

Além da pesquisa, os laboratórios utilizam o tório na fabri-

cação de aparelhos de radioterapia e de sais luminosos (material fosforescente usado em pinturas e em agulhas).

Marie Curie visitou o Brasil em 1926, atraída pela fama das águas radioativas do Termas de Lindóia, em São Paulo. Na época, o local já era conhecido como terapêutico. Curie visitou o local durante um dia.

A visita às terras brasileiras, no total, durou mais de 40 dias. Curie esteve em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, onde visitou o primeiro hospital brasileiro especializado em tratamento de câncer com uso de radiação. Marie Curie faleceu em 1934, depois de muitos problemas de saúde, provavelmente em razão da contínua exposição à radiação.

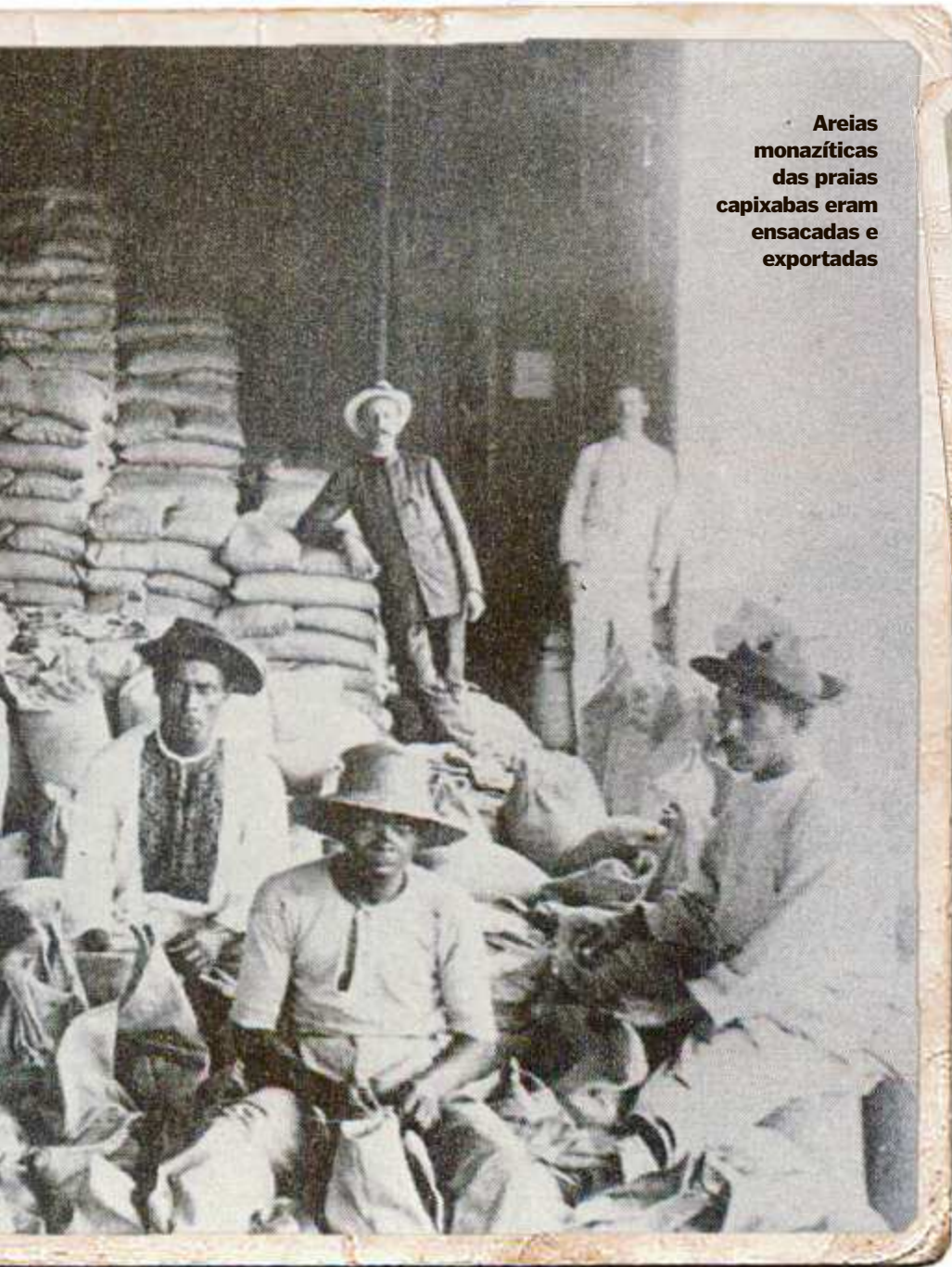


Pesquisas foram capitaneadas por Marie Curie, ganhadora de Nobel





IMAGENS/ACERVO UFES



Areias monazíticas das praias capixabas eram ensacadas e exportadas



Empresa Mibra em Guarapari, principal exploradora das areias

Curiosidades

- 1 // Foi na época de bastante movimento no porto de Guarapari que foram criados os hotéis Torium, Radium e Monazita. O Radium foi um cassino muito frequentado na década de 50, e símbolo de ostentação da classe mais abastada do Espírito Santo. Hoje está desativado.
- 2 // Boris Davidovitch é nome de rua na Praia do Morro, em Guarapari, exatamente a mesma onde funcionava a antiga Inaremo. Não é possível precisar a data exata da criação da lei, na Câmara dos Vereadores da cidade, que dá à rua o nome do empresário russo.
- 3 // O problema da exploração ilegal de areia monazítica também foi denunciado pela imprensa da Índia, sobretudo por volta de 1990. Reportagens relatavam que empresas escondiam o volume de areia retirado, exportavam sem autorização e causavam impactos a comunidades.

Material radioativo está armazenado em latas nos EUA

// Afinal, o que teria acontecido com as toneladas de tório exportados para os Estados Unidos principalmente durante a Guerra Fria? No final das contas, o que restou delas agora é encarado como problema de segurança nacional e opinião pública.

Pouco mais de 1.500 quilos de Urânio-233 criado a partir do tório – e que chegou a ser testado em bombas e reatores na década de 1950 – estão agora armazenados em latas e tubos em um depósito do governo americano no estado de Tennessee.

Novas tecnologias nucleares mais seguras tornaram obsoleta a pesquisa com U-233 há várias décadas. Sem serventia, o governo decidiu transportar esse material para um túnel de armazenamento de lixo nuclear em Nevada, justamente onde as bombas atômicas eram testadas, perto de Las Vegas.

A iniciativa, com custo estimado de 500 milhões de dóla-

res, mobiliza a opinião pública nacional e sobretudo da população de Nevada, sendo alvo constante de protestos de ativistas. No entanto, testes para o transporte foram iniciados em maio de 2015, e o envio pode acontecer a qualquer momento. O Urânio-233 armazenado é considerado de “baixo nível de risco” pelas autoridades americanas.

Robert Alvarez, especialista em estudos políticos e consultor do Departamento de Energia dos Estados Unidos durante o governo de Bill Clinton, estima que 200 toneladas de U-233 foram produzidas a partir de 800 toneladas de tório entre 1954 e 1970, nos EUA. O custo dessa produção pode ter chegado a US\$ 11 bilhões.

A constatação de diversos especialistas americanos é de que a corrida nuclear durante a Guerra Fria acabou gerando estoques de matéria-prima e materiais processados que hoje geram apenas dor-de-cabeça para



Cerca de 1.500 quilos de Urânio-233 estão guardados nos EUA

o governo. Um exemplo emblemático disso é justamente o tório enviado das praias brasileiras e o urânio de laboratório produzido a partir dele.

Algumas correntes chegam a especular sobre o perigo desse material radioativo nas mãos de nações ou grupos com interesses bélicos. Outros cientistas defendem a teoria de que reatores de tório podem ser soluções viáveis para a geração de energia elétrica atualmente.

GAZETA ONLINE

gazetaonline.com/bomba
A exploração das areias monazíticas para fabricação de bombas está contada em detalhes no Gazeta Online. No site, você pode conferir fotos, vídeo, recortes de jornais da época e muito mais. **Amanhã**, A GAZETA publica mais uma parte dessa história.

Paralítico, secretário de Minas se curou

// Na década de 80, o prefeito de Guarapari Graciano Espíndula lembrou que uma história de infância o marcou profundamente e serviu como estímulo para entrar na briga contra a exploração da areia monazítica na cidade.

“Lembro-me que vi um homem completamente paralítico descer de um barco e sendo transportado para o outro lado da cidade, quando ainda não havia a ponte de Guarapari. Depois descobri que se tratava do secretário de Estado de Minas Gerais, vítima de reumatismo crônico, em busca da cura nas areias monazíticas”, declarou Graciano.

O prefeito ainda completou: “Ele estivera na Europa para tratamento, sem resultado. Meses depois, vindo da escola, vi aquele homem descer de um bonde, aqui mesmo em Vitória, sem a ajuda de ninguém, e seguir rua afora. Essa imagem ficou gravada na minha memória”.